



Rubén Darío

*Canto
Errante*

Uma Antologia

Tradução

Miguel Filipe Mochila

N I M P R E N S A
N A C I O N A L



Obra distinguida com a menção
honrosa do prémio de tradução
Imprensa Nacional/Vasco Graça Moura 2020

O Prémio Imprensa Nacional/Vasco Graça Moura foi instituído em 2015, em homenagem ao cidadão, autor, intelectual e antigo administrador da INCM responsável pelo pelouro editorial, para distinguir anualmente obras inéditas de Poesia, Ensaio e Tradução, áreas em que Vasco Graça Moura particularmente se notabilizou.

Com a atribuição deste prémio, a Imprensa Nacional reforça a missão que lhe cumpre, enquanto editora pública, de promoção e preservação do património da língua e da cultura portuguesas.

INTRODUÇÃO

Nado num paupérrimo tugúrio da incógnita Metapa, o nicaraguense Rubén Darío (1867-1916) ascenderia a pulso, e contra todas as probabilidades, a demiurgo da modernidade hispânica. Como García Márquez, que dizia de memória os versos do seu «Lo Fatal», de 1905, que tinha como os melhores alguma vez lavrados na sua língua, sendo órfão foi a custo criado por uns tios-avós, ele que viria a ser tido como o pai da moderna poesia em espanhol.

Uma ilimitada curiosidade e um arrojo despudorado fá-lo-iam fintar as circunstâncias fatais. Deu-se o caso de dar com o labor maníaco de Rivadeneyra, editor de uma Biblioteca de Autores Espanhóis em colossais tomos a duas colunas que chegaram às mãos do menino Darío na biblioteca pública natal, monumental capricho naquele que era um dos mais pobres lugares da América. E o menino absorveu o passado e pôs-se a juntar versos, e tomou-lhe o gosto e a fama, feito fenómeno de feira. Curas, matronas, viúvas e mães de menininhas núbeis pediam-lhe loas à Virgem, madrigais e sonetos de oferecer a adolescentes pomposas, panegíricos a cavaleiros mortos.

Com a outra mão, sempre a crónica jornalística. Aos 14 anos publicava Darío no semanário *La Verdad* um artigo escandalosamente anticlerical, e não se ficou por um, e não se ficando ele logo lhe correu no encalço a polícia, com um processo por vadiagem, acusação um tanto premonitória, pois aquele menino havia de conhecer muita América e muita Europa.

Uma das testemunhas convocadas para o tramar no processo declarou: «Não conheço o jovem Darío. Ouvi dizer que é poeta, e como para mim poeta é sinónimo de vadio, declaro que o é.» Foi o primeiro contacto do autor com a acrimónia social contra as liberdades poéticas, que tão crítico o fez do seu tempo, de que dão prova acabada vários poemas aqui reunidos. Condenado a prestar serviço comunitário, de porte franzino e roupa farraposa, más figura e fama de poeta e jornalista, odioso officio para o pensamento oficial, quiseram-no a varrer ruas com correntes de arrasto, mas conseguiu absolvição, desaparecendo para Manágua, onde foi acolhido pelo semanário *El Porvenir* da Nicarágua. Ali teimou na sedição com «El idioma español», invetiva contra a ortodoxia da Real Academia Espanhola, que a sua poesia culminaria prestando-se a ousadias e inovações várias, e treinou-se em artigos humorísticos, na reportagem do quotidiano, sempre com insolência estilística, com soltura, com um gozo que tanto o adestraria na técnica que faz vívida a sua obra.

Depois, outros felizes acasos lhe endireitaram o rumo vadio e o fizeram, afinal, peregrino. Com 19 anos foi até ao aliciante Chile, que acabava de triunfar na guerra contra o Peru e a Bolívia. A sua primeira crónica chilena, publicou-a logo em *El Mercurio*, sobre a erupção do vulcão Momotombo a que assistira ao largo do lago de Manágua, no dia em que deixou a Nicarágua. Também ele foi uma erupção na franja estreita do Cone Sul, instalando-se no diário *La Época* por recomendação do general salvadoreño Juan Cañas, que o persuadira dizendo: «Vai, nem que seja a nado, nem que te afogues pelo caminho.» Escreveu sobre incêndios e furtos, quezílias de tasca e brigas de vizinhança que espiolhava em esquadras e hospitais. Bebeu de boémias e misérias, do bordel do porto ao luxo festivo dos salões, tratou com anarquistas e aristocratas, fez-se amigo do filho do presidente Balmaceda e leu na sua biblioteca os novos autores franceses que lhe traçariam a rota da revolução que empreenderia, inspirada em Baudelaire ou Verlaine. Começou a escrever obscenamente bem, e à quarta colaboração com *El Herald*, na secção de *sports*, chamou-o o diretor ao seu gabinete e disse-lhe: «O senhor escreve muito bem... O nosso jornal precisa de outra coisa...» E por escrever bem foi despedido.

Porém, em *La Época* continuava a granjear espaço de manobra, e saíram ali alguns dos textos que viriam a integrar *Azul...* (1888), mescla de poesia e ficção que prenuncia a rutura modernista, de laivos decadentistas e simbolistas, que engendraria a partir de *Prosas profanas*

ERA UN AIRE SUAVE...

*Era un aire suave, de pausados giros;
el hada Harmonía ritmaba sus vuelos;
e iban frases vagas y tenues suspiros
entre los sollozos de los violoncellos.*

*Sobre la terraza, junto a los ramajes,
diríase un trémolo de liras eolias
cuando acariciaban los sedosos trajes
sobre el tallo erguidas las blancas magnolias.*

*La marquesa Eulalia risas y desvíos
daba a un tiempo mismo para dos rivales
el vizconde rubio de los desafíos,
y el abate joven de los madrigales.*

*Cerca, coronado con hojas de viña,
reía en su máscara Término barbudo,
y, como un efebo que fuese una niña,
mostraba una Diana su mármol desnudo.*

*Y bajo un bosque del amor palestra,
sobre rico zócalo, al modo de Jonia,
con un candelabro prendido en la diestra,
volaba el Mercurio de Juan de Bolonia.*

*La orquesta perlabo sus mágicas notas,
un coro de sonos alados se oía,
galantes pavanas, fugaces gavotas,
cantaban los dulces violines de Hungría.*

*Al oír las quejas de sus caballeros
ríe, ríe, ríe, la divina Eulalia,
pues son su tesoro, las flechas de Eros,
el cinto de Cipria, la rueca de Onfalia.*

ERA UM AR SUAVE...

Era um ar suave, de arcos paulatinos;
a fada Harmonia ritmava os adejos;
iam frases vagas e ténues suspiros
por entre os soluços dos seus violoncelos.

Sobre o balcão, mesmo à beirinha das sebes,
como que um tremolo de líras eólias,
em afagando suas sedosas vestes,
sobre o talo erguidas, as brancas magnólias.

A marquesa Eulália risos e desvios
dava a um só tempo para dois rivais,
ora o visconde loiro dos desafios,
ora o abade jovem dos madrigais.

Perto, coroado com folhas de vinha,
ria em sua máscara Término barbudo,
e, como um efebo que fosse menina,
mostrava Diana um mármore desnudo.

E sob um bosquete do amor palestra,
sobre rico soco ao modo da Jónia,
com o candelabro aceso na mão direita
um Mercúrio voava de João de Bolonha.

A orquestra perlava suas mágicas notas,
um coro de alados sons nisto se ouvia;
galantes pavanas, fugazes gavotas,
cantavam os doces violinos da Hungria.

Ao ouvir as queixas dos seus cavaleiros
ri e ri e ri a Eulália divinal,
pois são seu tesouro as flechas de Eros,
o cinto de Cípris, e a roca de Ônfale.

*¡Ay de quien sus mieles y frases recoja!
¡Ay de quien del canto de su amor se fie!
Con sus ojos lindos y su boca roja,
la divina Eulalia, ríe, ríe, ríe.*

*Tiene azules ojos, es artista y bella;
cuando mira vierte viva luz extraña:
se asoma a sus húmedas pupilas de estrella
el alma del rubio cristal de Champaña.*

*Es noche de fiesta, y el baile de trajes
ostenta su gloria de triunfos mundanos.
la divina Eulalia, vestida de encajes,
una flor destroza con sus tersas manos.*

*El teclado armónico de su risa fina
a la alegre música de un pájaro iguala,
con los estacatos de una bailarina
y las locas fugas de una colegiala.*

*¡Amoroso pájaro que trinos exhala
bajo el ala a veces ocultando el pico;
que desdenes rudos lanza bajo el ala,
bajo el ala aleve del leve abanico!*

*Cuando a media noche sus notas arranque
y en arpegios áureos gima Filomela,
y el ebúrneo cisne, sobre el quieto estanque
como blanca góndola imprima su estela,*

*La marquesa alegre llegará al boscaje,
boscaje que cubre la amable glorieta
donde han de estrecharla los brazos de un page,
que siendo su page será su poeta.*

*Al compás de un canto de artista de Italia.
Que en la brisa errante la orquesta deslíe,*

Ai de quem seus méis e seus dizeres descubra!
Ai de quem de seu amor cantado fie!
Com seus lindos olhos, com sua boca rubra,
a divina Eulália ri e ri e ri.

Tem azuis os olhos, é maligna e bela;
em olhando verte viva luz tão estranha:
sobe-lhe às pupilas húmidas de estrela
a alma do cristal loiro da Champanha.

É noite de festa, e o baile de gala
alardeia a glória dos triunfos terrenos.
Vestida de rendas, a divina Eulália,
uma flor destroça com seus lisos dedos.

Com o teclado harmónico dum riso fino
o cantar alegre dum pássaro imita,
em staccati ensaia passo bailarino
e corridas loucas duma rapariga.

Amorosa ave que trinos exala
sob a asa às vezes ocultando o bico;
que desdêns mais rudes lança sob a asa,
sob a asa aleivosa do leve abanico!

Quando à meia-noite as notas arranque
e Filomela gema em harpejos áureos,
e o ebúrneo cisne, lá no quieto tanque,
tal qual alva gôndola, imprima seu rastro,

a marquesa alegre chegará à margem
do bosque que esconde amável o alpendre
onde hão de estreitá-la abraços de um pajem,
que sendo seu pajem poeta é certamente.

Ao ritmo de um canto de artista de Itália
que na brisa errante a orquestra desfie,

NOTAS

DE *PROSAS PROFANAS Y OTROS POEMAS* (1896)

ERA UM AR SUAVE... — A marquesa de Eulália é a *femme fatale* das *Fêtes galantes* (1869) de Paul Verlaine, poeta particularmente admirado por Rubén Darío. Término é o deus romano guardador das fronteiras, ao passo que João de Bolonha é Giambologna, escultor maneirista de origem flamenga que viveu entre 1529 e 1608. O seu Mercúrio, esculpido em bronze, encontra-se em Bargello, Florença. Pavana e gavota são nomes de danças, a primeira processional renascentista, originária de Espanha ou de Itália, tendo a segunda origem francesa e sendo de cariz popular. Cípria é um dos epítetos de Ariadne, dada a celebridade antiga do seu culto na região cipriota. Ônfale é a rainha da Lídia de que se enamorou Hércules em sendo seu escravo. Após troças sucessivas, que incluíram forçá-lo a usar o fuso e a roca como mais uma das suas criadas, Ônfale casou com Hércules. Já Filomela, «amante do canto», é também figura da mitologia grega, tendo denunciado à irmã, Procne, a violência a que Tereu, rei da Trácia e seu cunhado, a submetia, e fê-lo através de um bordado, já que Tereu lhe cortara a língua, levando Procne a matar o filho, Ítis, e a servir a carne a Tereu. O termo «azur» converteu-se num dos lugares-comuns mais visitados do modernismo (que coincidirá, *grosso modo*, com o decadentismo-simbolismo português), repescado à sentença «L'art c'est l'azur»

de Victor Hugo, outro francês sumamente apreciado por Darío, como provam as referências que povoam os seus poemas. O «azul» representava, para Darío, «a cor do sonho, a cor da arte, uma cor helénica e homérica, cor de oceano e firmamento». Já o «rosa Pompadour» é o tom de cor-de-rosa inventado por Sèvres para as suas porcelanas, em 1757, assim denominado por terem sido estas fartamente apreciadas e protegidas por Madame de Pompadour, amante de Luís XV entre 1745 e 1764. Tirsis é um dos nomes femininos estereotipados da arte bucólica e pastoril europeia, do renascimento e do barroco.

SONATINA — Hipsípilē é, na mitologia grega, a rainha de Lemnos.

MARGARITA — A Margarita Gautier aqui referida é a personagem d'*A Dama das Camélias* de Dumas. A cristaleira Baccarat foi fundada em 1764 na Lorena, França.

O CISNE — O cisne é um dos símbolos mais correntes do modernismo, associado à pureza e à poesia, feito de tal modo lugar-comum que, em 1911, o mexicano Enrique González Martínez faria a apologia de «A Morte do Cisne», num soneto em cujo primeiro verso lançava a invetiva: «Torce o pescoço ao cisne de enganosa plumagem».

O REINO INTERIOR — Cabe destacar a dedicatória ao português Eugénio de Castro, poeta lido, comentado e traduzido por Darío, ele que nas suas *Horas* (1891) falava da poesia como uma «Silva esotérica para os raros apenas», tendo inspirado o título de *Los raros* (1896), livro emblemático onde Darío faz desfilar um conjunto de autores modernos por si admirados como líderes da renovação poética internacional, em artigos críticos inspirados nas conferências que pronunciava no Ateneo de Buenos Aires. A fechar o volume, dedica um texto precisamente ao poeta português, a cuja leitura chegara através do *Mercure de France*, onde leu «Hermafrodita», que em parte inspira os versos de «O Reino Interior». No epistolário de Eugénio de Castro, à guarda da Universidade de Coimbra, encontram-se cartas de Darío. Eugénio de Castro fez, como se sabe, uma apologia do uso das «palavras raras», com ensino de renovação poética. Neste poema Darío emprega «papemor»

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
DE <i>PROSAS PROFANAS Y OTROS POEMAS</i> (1896).....	15
DE <i>CANTOS DE VIDA Y ESPERANZA, LOS CISNES Y OTROS POEMAS</i> (1905)	55
DE <i>EL CANTO ERRANTE</i> (1907)	169
DE <i>POEMA DEL OTOÑO Y OTROS POEMAS</i> (1910).....	197
DE <i>CANTO A LA ARGENTINA Y OTROS POEMAS</i> (1914)	211
DE <i>AZUL...</i> (1888).....	225
POEMAS DISPERSOS	239
NOTAS	301

RUBÉN DARÍO nasceu em Metapa, atual Ciudad Darío, na Nicarágua, em 1867, e morreu em León, também na Nicarágua, a 6 de fevereiro de 1916. Poeta, jornalista e diplomata, é visto como o principal representante do modernismo literário em castelhano, sob influência do decadentismo-simbolismo internacional. Tido como o pai da moderna lírica em espanhol, nortearia decisivamente a renovação poética ibero-americana e espanhola a partir de finais do século XIX, influenciando gerações sucessivas de escritores. Entre os seus títulos mais emblemáticos contam-se *Azul...* (1888), *Prosas Profanas y Otros Poemas* (1896) e *Cantos de Vida y Esperanza* (1905), todos representados nesta antologia.

MIGUEL FILIPE MOCHILA nasceu em Évora em 1988. Professor, investigador e poeta, traduziu para português obras de vários autores espanhóis e ibero-americanos, como Nicanor Parra, Roberto Arlt, Silvina Ocampo, Julio Cortázar, Ernesto Sabato, Adolfo Bioy Casares, Juan José Saer, Juan José Arreola, Samanta Schweblin, César Aira, Alejandro Zambra, Luis Cernuda, Claudio Rodríguez, Ángel González, Joan Margarit, Gemma Gorga, Javier Marías, Luis Landero ou Manuel Vilas.

Canto Errante, a primeira ampla mostra da poesia de Rubén Darío (1867-1916) junto dos leitores portugueses, é uma antologia pessoalíssima do tradutor Miguel Filipe Mochila. A presente seleção mostra-nos «uma poesia liberta de constrangimentos, exploratória, obsessiva, flexível, plástica» (da Introdução) que marcou indelevelmente a literatura em língua espanhola. Contrariando o próprio Rubén Darío, que projetou uma antologia temática da sua obra, este *Canto Errante* opta pela ordem cronológica, começando por *Prosas Profanas y Otros Poemas* (pelo meio, a exceção de *Azul...*) e concluindo com poemas dispersos. Nesta edição bilingue, acompanhamos uma brilhante errância de assuntos realçados pela pujança e versatilidade de uma poesia que alterou a língua em que foi escrita.

ISBN 978-972-27-3015-0



9 789722 730150